

Artigo de Revisão

Esporte de aventura e ambiente natural: dimensão preservacional na sociedade de consumo

Jairo Antônio da Paixão¹
Vera Lucia de Menezes Costa²
Ronaldo Eugênio Calçada Dias Gabriel³

¹ *Curso de Educação Física, Faculdade de Minas, Muriaé, MG, Brasil*

² *Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho, Piedade, RJ, Brasil*

³ *Department of Sport Science da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal*

Resumo: Percebe-se uma estreita relação entre esporte de aventura e natureza, uma vez que o meio ambiente se apresenta como cenário para a realização das modalidades do referido segmento esportivo, suscitando uma interação entre o praticante e o respectivo meio. No aspecto preservacional, se por um lado pode-se lançar um olhar positivo em relação a esta interação do homem com a natureza através da prática do esporte de aventura, por outro este processo merece atenção, pois o esporte de aventura assenta-se sob a lógica da sociedade de consumo. Desta forma é possível afirmar que as práticas do esporte de aventura podem ocasionar a um determinado meio natural impacto ambiental que, dependendo da qualidade da intervenção ali desenvolvida poderão se configurar como positivo ou negativo ao ambiente natural onde é praticado.

Palavras-chave: Esporte de aventura. Meio ambiente. Sociedade de consumo.

Adventure Sport and environment: preserving dimension in the consumption society

Abstract: It is possible to notice a narrow relation between adventure and nature sport, since the environment is presented like scenary for the achievement of modalities of the referred sporting segment, stirring up an interaction between the practitioner and the respective environment. In the preserving aspect, if on one hand it is possible to have a positive look regarding this interaction of the man with the nature through the practice of the adventure sport, on another this trial deserves attention, once the adventure sport is settled under the logical of the consumption society. This way it is possible to affirm that the practices of the adventure sport can cause to a determined environment natural environmental impact that, depending on the quality of the intervention developed there, it can be configured as positive or negative to the natural environment where it is practiced.

Key Words: Adventure Sport. Environment. Consumption Society.

Sociedade de consumo: breve contextualização

As novas configurações da sociedade contemporânea marcadas pela reflexividade (BECK, 1993 e GIDDENS, 1991; 2002), globalização, dinamismo das instituições e novas formas da espacialização (BAUMAN, 1998) levam o homem pós-moderno a adequar-se a intensas e ininterruptas mudanças, circunscrevendo-lhe

novos hábitos, fragilidades, valores e necessidades em seu cotidiano social.

Chama atenção o fato de na maioria das vezes tal situação ser considerada sinônima de progresso e ou desenvolvimento econômico nesta contemporaneidade. Assim sendo, a própria sociedade industrial capitalista se autodenomina projeto civilizatório de crescimento e desenvolvimento (SERRANO, 2000).

Geralmente quando uma sociedade atinge um avançado nível de desenvolvimento industrial caracterizado pelo consumo massivo de bens e serviços, recebe a denominação de sociedade de consumo por áreas como economia e sociologia.

Estudiosos como Bauman (1998) e Baudrillard (2007) analisaram aspectos relativos a

¹ Professor do Curso de Educação Física da FAMINAS/Muriaé-MG, Brasil. Doutorando em Ciência do Desporto pela Universidade de Trás-os-Montes & Alto Douro, Portugal.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho, RJ, Brasil.

³ Professor do Department of Sport Science da Universidade de Trás-os-Montes & Alto Douro, Portugal.

sociedade de consumo e suas implicações na vida cotidiana do homem na pós-modernidade. Em suas análises, os referidos autores, destacam que a sociedade de consumo, tendo em vista o processo de automatização do sistema de produção percebe o indivíduo como elemento fundamental nas relações de consumo, que por sua vez mediatizam com maestria o modo de vida do homem pós-moderno. Desta forma, Giddens (1991) ao tratar da mercantilização do consumo, destaca que as sociedades de consumo por meio das propagandas criam necessidades, manipulam preferências, desejos e gostos e, acima de tudo disseminam a novidade numa perspectiva de descartabilidade, depreciação e obsolescência instantânea de produtos adquiridos impulsionando os indivíduos a lançarem-se numa busca desenfreada pelo consumo. E em sua maioria, tais práticas consumistas são concebidas como caminho para solução de problemas de ordem particular inerente a vida cotidiana do homem nesta contemporaneidade.

Os estudos realizados por Baudrillard (2007) mostra que dentre as estratégias empregadas pela sociedade capitalista para promover o consumo, se encontra a transformação da mercadoria em signo que juntamente com o bombardeio de imagens veiculadas pela mídia somada a informações com significados desconexos sem um sentido claro contribuem sobremaneira para aumentar ainda mais o consumo.

Estas práticas consumistas tornam-se verdadeiras ilusões culturais, as quais fascinam pela sua estética, pelas associações mirabolantes com os signos e pelas justaposições entre elas.

Na verdade, são inúmeras as implicações que decorrem da sociedade de consumo nos diferentes setores que compõem a vida cotidiana do homem na contemporaneidade. Em se tratando de uma sociedade capitalista como destaca Siqueira (2003), tudo está relacionado ao consumo, como, por exemplo, o modo de produção e de circulação dos bens, os padrões de desigualdade no acesso aos bens materiais e simbólicos, a maneira como se estruturam as instituições da vida cotidiana, como a família, os ambientes urbanos e a formas de lazer buscadas pelo indivíduo nesta contemporaneidade.

Procedimentos metodológicos

Tendo como referência para este estudo levantar a produção do conhecimento sobre o tema esporte de aventura e risco calculado na natureza e sua tematização com a dimensão preservacional na sociedade de consumo estabeleceu-se como referência para este estudo o emprego de técnicas de uma pesquisa bibliográfica, feito desta uma análise qualitativa. De acordo com Marconi & Lakatos (2007), a bibliografia pertinente oferece meios para definir e resolver não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas em que os problemas não se cristalizaram suficientemente.

Nessa perspectiva, é importante ressaltar que o ponto de partida não é desse modo, a pesquisa do material bibliográfico, mas a elaboração de um questionamento. Na verdade, esses questionamentos realizados pelo pesquisador que irão conferir sentido à fonte estudada e, no limite, enquanto houver perguntas, essa fonte não estará suficientemente explorada. Sobre esse aspecto Gil (2008) salienta que depois que se decide fazer uma pesquisa bibliográfica deve-se considerar as seguintes fases: a) determinação dos objetivos; b) elaboração do plano de trabalho; c) identificação das fontes; d) localização das fontes e obtenção do material e) leitura do material f) tomada de apontamentos g) confecção de fichas e h) redação do trabalho.

Buscou-se contemplar as fases acima ressaltadas, de forma que o presente estudo tivesse o caráter de objetividade e riqueza de dados, que possam contribuir no entendimento da discussão envolvendo esporte de aventura na natureza e a dimensão preservacional no contexto da sociedade de consumo nesta contemporaneidade.

Práticas consumistas e meio ambiente

As múltiplas abordagens da sociedade de consumo remetem às implicações que esta ordem pós-moderna acarreta no cotidiano do indivíduo e das relações que este estabelece na sua vida pessoal e coletiva. Consideraremos para efeito de análise alguns desses aspectos percebidos no meio ambiente em decorrência das relações de produção de consumo, tecnologias e estratégias empregadas pelas instituições na sociedade hodierna capitalista.

Os impactos causados pelas práticas consumistas no meio ambiente (PORTILHO,

2005; GUATTARI, 2006; GRÜN, 2005, BAUDRILLARD, 2007 dentre outros) delineiam uma repercussão a nível planetário. Na verdade, trata-se de uma problemática de grande complexidade, principalmente quando se busca debatê-la, amenizá-la ou mesmo erradicá-la no contexto capitalista.

Ainda que a dimensão econômica mediatize as tomadas de decisão na sociedade de consumo, torna-se cada vez mais explícita a inter-relação entre meio ambiente e a degradação sócio-ambiental. Sobre este aspecto, Pádua (1992), percebe uma série de fatores que vem contribuindo para aumentar o interesse pelas questões ambientais no Brasil, e por sua vez, a instauração de uma espécie de sensibilização ecológica. Dentre esses fatores, o autor destaca a expectativa de uma nova ordem internacional a partir do ecologismo, a baixa qualidade de vida dos grupos humanos do chamado Terceiro Mundo, a devastação da Amazônia e por fim, a possibilidade de uma catástrofe global sem precedentes que não respeitaria ideologias, fronteiras ou distinções entre pobres e ricos.

Dessas reflexões, surgem iniciativas como, por exemplo, a proposta do consumo sustentável, que busca acima de tudo contribuir no sentido de tornar a existência humana mais tolerável nesse planeta.

Nesse contexto de transição social, em meio às implicações da sociedade de consumo na vida cotidiana do indivíduo é que surgem as modalidades de esporte de aventura praticadas em diferentes ambientes naturais como o aéreo, aquático e terrestre. Seja como forma de manifestação e ou resistência aos novos paradigmas postulados pela pós-modernidade ou ainda como forma de interação homem-natureza rumo à conscientização ecológica, o esporte de aventura assenta-se sob a lógica da produção capitalista.

Percebe-se assim, que os esforços no âmbito da sociedade de consumo voltam-se de forma acentuada para o potencial econômico percebido na prática das diferentes modalidades de esporte de aventura no meio natural.

Esporte de aventura e dimensão econômica

Na verdade, ao considerarmos a dimensão econômica que perpassa o esporte de aventura

na sociedade de consumo é necessário não perder de vista que essas práticas corporais na natureza movimentam uma verdadeira indústria voltada ao entretenimento. Nessa perspectiva, tais práticas, seja na vertente do lazer ou competição, demandam investimentos consideráveis de capital em recursos tecnológicos, na produção de equipamentos sofisticados, na realização de eventos competitivos por empresas especializadas e conseqüentemente em hospedagens e em poderosas campanhas publicitárias veiculadas pelos diferentes canais midiáticos.

Indubitavelmente, o esporte de aventura vem alavancando o desenvolvimento econômico de diferentes regiões do país que apresentam conformações geográficas, vegetação e clima propiciador à prática das diferentes modalidades que surgem de forma ininterrupta no âmbito do esporte e ou do lazer.

Esporte de aventura e a dimensão preservacional

Indistintamente em todos os seus setores, a sociedade atual vivencia um tempo marcado pela égide dos avanços técnico-científicos. Paralelamente a tais "indícios da modernidade", percebe-se um intenso processo de degradação do meio natural.

Nessa perspectiva, Bruhns & Gutierrez (2002) destaca uma reação à modernidade - mais especificamente ao modo de vida industrial - surgida nos anos 60 relacionada diretamente às formas de intervenção do homem no meio natural: o ambientalismo⁴.

Desde então, estudos como o realizado por Maroun e Vieira (2007) constatam a existência de uma comunhão de esforços e intenções entre as nações, objetivando, sobretudo viabilizar a adoção do tão propalado desenvolvimento

⁴ Considerado um movimento social que visava, sobretudo a preservação do meio ambiente, o ambientalismo rejeitava formas de vida industrial particularmente ao consumismo, defendia o retorno do homem às formas simples de contato com a natureza, o resgate de rituais ancestrais, novas relações de experimentação do corpo e busca de novos paradigmas científicos e tecnológicos. De acordo com Bruhns & Gutierrez (2002) este movimento ecológico acreditava oferecer atividades fora do alcance do modo de vida capitalista. O ambientalismo parece ter influenciado novas práticas de lazer realizadas na natureza como caminhadas em trilhas, exploração de cavernas dentre outras. Entretanto, como acrescenta a autora, o ambientalismo acabou criando uma utopia simplista por meio de grupos neo-rurais, os quais acreditavam num retorno ao meio rural como solução ao artificialismo das grandes cidades.

sustentável. E dentre os núcleos das discussões que se sucedem, destacam-se temáticas relacionadas aos impactos ambientais negativos e conseqüentemente a degradação do meio natural.

Esta problemática resulta numa infinidade de implicações negativas para a vida do indivíduo resultando comumente na dicotomia do binômio homem-natureza. Nesta abordagem, Passos (2004) descreve que o homem aproximou-se da natureza e, diante dela, viu a possibilidade de concretizar o desejo de estabelecer uma relação complexa, constante e mutável na qual envolve os elementos corpo-espaço-natureza-mundo e assim vivenciar seus sonhos de aventura.

As vivências das modalidades que compõem o esporte de aventura configuram-se como práticas absolutamente significativas e que por sua vez traduzem muito bem os desejos do homem efetivados nos diferentes segmentos que compõem o meio natural como aquelas praticadas na água, na terra, no gelo ou ainda no ar nesta contemporaneidade.

Vale ressaltar que o esporte de aventura na natureza configura-se se em objeto de estudo que busca compreender diferentes aspectos relacionados à sua prática como, por exemplo, promoção da saúde, imaginário social, motivação, riscos, mercantilismo, dentre outros. E esses estudos apresentam um ponto em comum: a preocupação com a questão ambiental (VIEIRA, 2004).

É notória a estreita relação entre esporte de aventura e natureza, uma vez que o meio ambiente se apresenta como cenário para a realização das modalidades do referido segmento esportivo, que suscita constante interação entre praticante e natureza.

No entanto, é importante considerar que se por um lado pode-se lançar um olhar positivo em relação a esta interação do homem com a natureza através da prática do esporte de aventura, por outro este processo merece atenção, pois o crescente surgimento de modalidades esportivas que utilizam o meio natural, associado ao aumento do número de praticantes, resulta em uma exploração ainda maior dos fatores ambientais envolvidos no desenvolvimento dessas atividades (MAROUN e VIEIRA, 2007).

Assim, praias poluídas, áreas verdes depredadas, excesso de poluentes lançados na atmosfera, lixo deixado em áreas verdes, são exemplos de problemas ambientais que afetam diretamente a prática de esporte de aventura na natureza.

Nesse âmbito, faz-se necessário considerar as implicações decorrentes dessas atividades físicas no meio natural, pois usá-lo possa parecer conveniente e prazeroso, mas, sem os devidos cuidados pode trazer sérios riscos de degradação e conseqüente ameaça à vida do planeta.

Como nos alerta Marinho e Inácio (2007), nas atividades físicas na natureza, a desorganização na interação homem-meio natural pode levar à destruição dos elementos constituintes da flora e da fauna do entorno, acarretando efeitos ecossistêmicos que em longo prazo comprometerão determinado meio natural. Com tal procedimento, a natureza reduz-se a um mero *locus* atrativo e destinado a prática desportiva, limitando-se ao atendimento do praticante na busca de aventura, sensação de risco, vertigem, momentos de lazer dentre outros.

Somado a isso, a natureza, veiculada pela mídia, parece estar sendo vendida pelo mercado de imagens e pelas indústrias de entretenimento como uma ilusão, reduzindo-se a cada dia, em um símbolo de consumo.

Embora a dimensão preservacional esteja vinculada às atividades físicas junto à natureza, não se pode desconsiderar o risco de um desequilíbrio nos ecossistemas relacionado à construção de infra-estruturas de apoio à sua realização. Geralmente quando a natureza é percebida como um mero cenário para a prática esportiva, o conhecimento e a proteção ambiental num primeiro momento tornam-se irrelevantes (COSTA, 1998).

A partir dessas considerações, pode-se afirmar que as práticas do esporte de aventura podem ocasionar a um determinado meio natural impacto ambiental⁵ que, dependendo da

⁵ O impacto ambiental na maioria das vezes resulta da intervenção do ser humano sobre o meio ambiente. Como afirmam Maroun e Vieira (2007) o impacto ambiental pode ser entendido como a modificação ou alteração das propriedades do meio ambiente que não possam ser absorvidas pelo mesmo sem causar alteração do equilíbrio do ecossistema. Os autores afirmam ainda que os impactos ambientais podem afetar os componentes bióticos (componentes vivos do meio ambiente, como a fauna e a flora), abióticos (elementos não vivos, como a água, a atmosfera e o solo) e antrópicos (compreende os fatores sociais, econômicos e culturais da

qualidade da intervenção ali desenvolvida poderá se configurar como positivo ou negativo ao ambiente natural onde é praticado. Como exemplo de impactos ambientais positivos, tem-se implementações na infra-estrutura local, conscientização ecológica dos sujeitos envolvidos direta ou indiretamente numa dada modalidade esportiva, possibilidade de renda da população próxima aos locais de prática, promoção da qualidade de vida, diminuição de ações predatórias em ambientes naturais que ocorrem em determinada prática além do contato com a natureza. No entanto, atividades físicas na natureza como *rafting*, vôo livre, mergulho, automobilismo off-road, alpinismo, mountain bike dentre outras, como afirma Jesus (1999), realizam-se em áreas de natureza praticamente intocada como montanhas, alto curso de rios e mesmo desertos, tendendo a causar impactos significativos, sobretudo quando em ocasiões de realização de eventos que mobilizam grande fluxo de praticantes e visitantes. O referido autor acrescenta que essas atividades são de difícil controle e planejamento e, por conseqüência, de maior potencial de danos à natureza e à sociedade.

Participando da mesma opinião, Vieira (2004) afirma que o surgimento constante de novas modalidades esportivas da natureza, manifestadas sob a vertente do lazer ou da competição, somado ao conseqüente aumento do número de praticantes, espectadores e infra-estrutura pode agravar o quadro de degradação ambiental.

Nessa perspectiva, como afirma Serrano (2000) a percepção de que os problemas relacionados aos recursos naturais, bem como sua apropriação e conservação derivam não unicamente da natureza, mas também da cultura, ou seja, da representação pelo homem para com o meio natural. Com isso, verifica-se a necessidade de os sujeitos, que dão base a tal cultura e estilo de vida como empresários especializados em esporte de aventura, organizadores de eventos competitivos no meio natural, mídia dentre outros, se conscientizarem sobre as questões ligadas a dimensão preservacional do meio natural. Igualmente importante, é se buscar as melhores e menos

degradativas formas de manutenção dos seres humanos junto à natureza.

Como alerta Vieira (2004), ainda que prevaleça na sociedade contemporânea a visão positiva do esporte pelos benefícios advindos de sua prática, tal conceito pode mudar, a partir do momento que associarem o esporte como um dos responsáveis pela degradação de áreas naturais.

Geralmente, as discussões voltadas para a preservação do meio ambiente, bem como a busca de alternativas para tal problemática, que se configura numa proporção planetária, encontram-se ainda num patamar longe do desejado, sobretudo pela prevalência do aspecto econômico sobre os demais na sociedade de consumo.

Assim, os avanços técnico-científicos consideram a natureza como um interlocutor limitado e incapaz. Essa limitação e incapacidade foram construídas sob uma percepção racionalista de que a evolução do pensamento e o desenvolvimento de uma sociedade se dão através do afastamento do meio natural e a conquista da industrialização. Neste cenário, a natureza configura-se apenas como matéria para servir ao homem, que dela proverá suas necessidades sobre a dimensão preservacional no contexto da sociedade de consumo nesta contemporaneidade (PASSOS, 2004).

Guattari (2006) traz importantes considerações ao afirmar que apesar das formações políticas e instâncias executivas estarem começando a tomar consciência dos perigos que ameaçam o meio natural, elas o fazem ainda numa perspectiva tecnocrática, ao passo que a efetiva resposta à crise ecológica deverá ser gerada em escala planetária não só de forças visíveis, mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de desejo e inteligência. Assim o autor, propõe uma articulação ético-política que chamou de ecosofia. Tal articulação envolveria os três registros ecológicos: o do meio ambiente; o das relações sociais e o da subjetividade humana.

Neste novo cenário que se delinea, a natureza não mais se limita a um objeto inanimado a ser explorado, mas como um projeto de parceria com o homem imbuído de fatos da cultura e do fazer da sociedade (PASSOS, 2004).

sociedade humana), podendo ser classificados quantitativa e/ou qualitativamente segundo alguns critérios, como em relação ao tempo da ocorrência, à duração e à significância dentre outros.

Ainda que permeadas pelas contradições e limitações, as práticas corporais na natureza, que se manifestam nas diferentes modalidades do esporte de aventura, podem apresentar-se como um poderoso aliado na dimensão preservacional do meio ambiente num processo cujo ponto de partida encontra-se na reestruturação do verdadeiro sentido do binômio homem-natureza.

Para essa reestruturação, a reflexão sobre as necessidades humanas e seus valores socialmente construídos pode ser o caminho para a formação de uma consciência ecológica e conseqüentemente, a compreensão dos diferentes significados e implicações resultantes da interação dos seres humanos com o meio natural na contemporaneidade.

Conclusões

Em decorrência do potencial econômico apresentado pelas modalidades de esporte de aventura em diferentes ambientes naturais como terra, ar e água é salutar que se busque planejar as ações de forma estratégica. Para tanto, faz-se necessário aos órgãos responsáveis (seja os de caráter governamental ou da iniciativa privada) juntamente com as confederações das respectivas modalidades, adotarem uma série de ações no sentido de estabelecer políticas para as práticas desportivas de aventura na natureza e sua respectiva integração com outras políticas sociais.

Tais ações iniciar-se-ão a partir de uma análise aprofundada por esses órgãos, dos vários aspectos ligados à prática do esporte de aventura como, por exemplo, diagnosticar a geografia regional, possibilidades para a prática desportiva de uma determinada modalidade, procedimentos visando a integridade física dos atletas e praticantes de acordo com as normas de segurança regulamentadas por órgãos responsáveis para tal finalidade, além da busca de alternativas que realmente minimizem os possíveis impactos ambientais causados pela intervenção do homem na natureza por meio do esporte de aventura. É necessária acima de tudo a conscientização e valorização do meio natural, por parte das instituições responsáveis pelo fomento do esporte de aventura na perspectiva do consumo.

Baudrillard (2007) faz algumas considerações sobre o movimento de valorização do meio

natural na contemporaneidade por parte dos setores da economia. O autor alerta sobre os perigos de um reducionismo no significado de meio ambiente. O meio natural se encontra passível de perder a significação de “coisa real”, de lócus ou ainda extensão do próprio homem, vindo a restringir-se a um recorde verde, um mito para preencher o imaginário dos consumidores da natureza.

A visão reducionista da natureza pode repercutir de forma negativa às premissas atribuídas à prática do esporte de aventura como sentimento de reencontro, valorização e preservação do meio natural pelo praticante na contemporaneidade.

Portanto, em meio aos avanços tecnológicos que marcam a sociedade de consumo na pós-modernidade é urgente a visão indissolúvel entre práticas esportivas, lazer e natureza e acima de tudo a viabilidade de uma convivência plena e harmônica entre homem e meio natural, não esgotando em si as possibilidades de interação.

Referências

- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. 2 ed. Lisboa: Edições 70, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BECK, Ulrich. **Risk society: Towards a new modernity**. London: Sage, 1993.
- BRUHNS, Heloisa T.; GUTIERREZ, Gustavo L. (orgs.) **Enfoques contemporâneos do lúdico: III ciclo de debates lazer e motricidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.
- COSTA, Vera L. M. As Representações de Aventura e de Espaço Lúdico entre Praticantes de Atividades Físicas e Esportivas de Risco e Aventura na Natureza - Estudo do Núcleo Central. In: **Representação Social do Esporte e da Atividade Física - Ensaios Etnográficos**. Brasília: INDESP, v.1, p.53-66, 1998.
- GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.
- _____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- GIL, Antônio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social** 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUATTARI, Félix. **Les trois écologies**. Paris: Éditions Galilée, 1989. [Trad. port. GUATTARI, Félix. **As três ecologias**, 17 ed. Campinas, SP: Papiros, 2006.]

GRÜN, Mauro. **Ética e educação ambiental: a conexão necessária**. 9 ed. Campinas, SP: Papiros, 2005.

JESUS, Gilmar M. À geografia dos esportes: uma introdução. In.: **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Universidad de Barcelona Nº 35, 1 de marzo de 1999. Disponível em: www.rondoniaesporte.com.br/Educação%20física/artigos/geografia%20do%20esporte.pdf. Acesso em: 16 nov. 2008.

LAKATOS, Eva M.; MARCONI, Maria A. **Metodologia do trabalho científico**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARINHO, Alcyane.; INÁCIO, Humberto L. Educação Física, meio ambiente e aventura: um percurso por vias instigantes. In.: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte** Campinas, v.28, n.3, p.55-70, maio 2007.

MAROUN, Kalyla.; VIEIRA, Valdo. Impactos ambientais positivos são possíveis nos esportes praticados em ambientes naturais? In.: **Revista Digital - Buenos Aires** - Ano 12, N. 108 - Maio de 2007. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/> Acesso em: 16 out. 2007.

PADUA, Jose A. **Ecologia e política no Brasil**. 2 ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1992.

PASSOS, Kátia C. M. **Caminhando nas trilhas do reencantamento da natureza: uma ecologia do corpo sagrado e errante**. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Gama Filho. PPGEF/UGF, Rio de Janeiro, 2004.

PORTILHO, Fátima. **Sustentabilidade ambiental, consumo e cidadania**. São Paulo: Cortez, 2005.

SERRANO, Célia. A educação pelas pedras: uma introdução. In: SERRANO, Célia (org). **A educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental**. São Paulo: Chronos, 2000.

SIQUEIRA, Holgonsi S. G. **Pós-modernidade, política e educação: a condição pós-moderna e suas implicações na construção de uma educação pós-moderna crítica**. Tese (Doutorado em Educação) PPGE/USM. Santa Maria, RS, 2003.

VIEIRA, Valdo. **Desenvolvimento de um instrumento de identificação de impactos ambientais em práticas esportivas na natureza (impac-ambes)**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade Humana) Universidade Castelo Branco. PPGCMH/UCB Rio de Janeiro, 2004.

Endereço:

Jairo Antônio da Paixão
Rua Afonso Pena, 220 Centro
Viçosa MG Brasil
36570-000
Telefone: (31) 9125.8292
e-mail: Jairopaixao2004@yahoo.com.br

*Recebido em: 18 de novembro de 2008.
Aceito em: 19 de fevereiro de 2009.*



Motriz. Revista de Educação Física. UNESP, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1980-6574 - está licenciada sob [Licença Creative Commons](http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/)